

Salvador Bernal: **MONSENHOR JOSEMARÍA ESCRIVÁ DE BALAGUER — Apontamentos sobre a vida do Fundador do Opus Dei**, Ed. Aster, Lisboa, 1978, 394 págs.

Monsenhor Escrivá de Balaguer foi um sacerdote que viveu totalmente para Deus e de Deus e, por isso mesmo foi extraordinariamente humano. Viveu com naturalidade o sobrenatural, sem poder «esconder a sua carga de Deus» (Prólogo, p. 8).

«Por isso, não é fácil explicar como foi e o que fez» — adverte-nos o autor deste esboço biográfico, Aponta-nos no prólogo a «personalidade íntegra» de Mons. Escrivá, que se manifesta ao longo duma existência tão carregada de sentido humano e divino, numa unidade de vida tão forte, que «resiste à análise», e não se pode desconjuntar.

Mais do que uma biografia, o livro de Salvador Bernal é, portanto, um intermediário para conhecer e travar uma amizade aprofunda com a personalidade do Fundador do Opus Dei. O próprio autor previne os seus leitores para que não esperem «uma biografia acabada»; põe-nos entre mãos «um perfil, umas impressões que, embora baseadas em factos e dados históricos, não seguem uma ordem cronológica». É uma apresentação de Mons. Escrivá, através de episódios, diálogos, testemunhos verídicos, simples, espontâneos, ao longo da sua vida; quem o conheceu pessoalmente, verifica que «há muitas coisas importantes, que não aparecem aqui». No entanto, tendo em conta esta dificuldade de biografar uma vida tão cheia, uma personalidade tão desbordante de riqueza humana e espiritual, a leitura do livro de Salvador Bernal transforma-se num encontro vivo, real com a figura de Mons. Escrivá.

Ao longo das páginas aparece-nos descrita, com pinceladas rápidas mas incisivas, a personalidade do Fundador da Obra: a sua «facilidade para fazer-se entender»; a sua ilimitada capacidade de querer, a sua confiança nos que o rodeiam, a sua lealdade, gratidão, o bom humor constante ancorado num profundo sentimento de filiação divina; o seu amor à liberdade e respeito pela intimidade de cada um e a sua grande amizade por todos («foi amigo dos seus amigos isto é de todas as almas, porque todos encontravam um amável acolhimento no seu imenso coração sacerdotal); a sua facilidade para referir o amor humano ao divino, e o Amor de Deus ao coração humanamente enamorado; a sua heróica prudência sobrenatural que o levava a actuar «com alma e com calma», lema do seu escudo de família; a prudência de saber caminhar — e levar os outros a caminhar — «ao passo de Deus»; a sua magnanimidade, audácia perante as dificuldades, fruto do intuito único e firme de cumprir a vontade de Deus; o seu espírito de laboriosidade, incansável, impregnado da virtude sobrenaturalizada da ordem, levada a extremos heróicos; o seu trato íntimo com Cristo, com a Santíssima Virgem, com S. José; a sua oração constante pela Igreja e pelo Papa; o seu grande amor por todas as almas, que levou Mons. Escrivá a palmilhar toda a cidade de Madrid — já nos seus primeiros anos de sacerdócio —, toda a Europa, e a lançar-se até aos países da América Latina, em tertúlias multitudinárias: conversas espontâneas «de catequese» nas quais — seguindo o lema constante de toda a sua vida: «o que me compete é desaparecer, para que só Jesus brilhe» — conseguia que imediatamente cada alma se enfrentasse com as exigências pessoais da doutrina de Cristo, e ensinava a encontrá-lo e a segui-lo de acordo com as circunstâncias concretas da vida vulgar do cristão.

No I capítulo, S.B. leva-nos junto duma família cristã, normal — a família onde Mons. Escrivá fez a sua primeira descoberta do amor humano e do amor divino, unidos no carinho dos seus pais; apresenta-nos Mons. Escrivá como uma criança normal, «alegre e travessa» (p. 18), duma família de rico ambiente humano e cristão, onde o carinho humano entrelaçava com o amor divino, manifestado

numa vida de piedade forte e rija. Foi este ar de família que Mons. Escrivá iria gravar na Obra, onde o «Padre» é verdadeiramente «Pai», e todos sentem o calor humano e sobrenatural duma família.

O cap. II, à volta da vocação de Mons. Escrivá para o sacerdócio, aponta os primeiros pressentimentos de que Deus queria algo; o seu amor à Eucaristia, que o levava a fazer da Santa Missa um «epitalâmio», «um canto de bodas».

No cap. seguinte, o autor descreve os momentos centrais da fundação do Opus Dei, em Madrid, em 1928, três anos depois da sua ordenação: a chamada universal à santidade, com afirmação, de que «podem ser divinos todos os caminhos da terra, todos os estados, todas as profissões, todas as tarefas honestas», que constituiu uma redescoberta que se adiantou em muitos anos ao Concílio Vaticano II.

«Tempo de amigos» é um capítulo onde se intui essa profunda capacidade de «fazer-se» com as pessoas, de compreender todos: de ser verdadeiramente amigo, sem instrumentalizar a amizade. A história dos começos do Opus Dei pode compendiar-se com a história dos amigos do seu Fundador. Nascida num «Coração Universal», a Obra começou em Madrid, nos Hospitais e arredores, entre os pobres e doentes — «o grande tesouro do Opus Dei são os doentes», como dirá muitas vezes o Fundador —, mas desde o primeiro momento, com espírito universal.

Com o título «As Horas da Esperança», volta o autor aos dias de guerra em Espanha, dias de duras dificuldades em que, no entanto, a actividade apostólica de Mons. Escrivá não teve tréguas, e o seu optimismo, carregado de objectividade, foi um impulso constante para todos. Esperança e prudência foram entre outras, virtudes que Mons. Escrivá exercitou em grau heróico. Esperança e prudência — as mesmas virtudes que iriam servir ao Fundador da Obra para viver sempre uma lealdade incondicional à Igreja, essa «barca de Pedro que não se afunda».

No cap. VIII, sem seguir uma ordem cronológica, Salvador B. descreve-nos com episódios, factos, diálogos, o grande amor do Fundador pela liberdade e a sua grande capacidade de perdoar, de esquecer, de rezar por todos, levada ao grau heróico em momentos difíceis de calúnias, de incompreensões, de contrariedades, que Mons. Escrivá não só perdoava, como aproveitava para — com elegância cristã e bom sentido de humor — rezar e levar até Deus.

«Sem liberdade não se pode amar a Deus»: por isso este mesmo sentido de liberdade está presente em todo o momento na vida de cada um dos sócios e associados do Opus Dei.

A pequena semente do Opus Dei, sem meios humanos, com o apoio exclusivo dos seus recursos sobrenaturais, cresceu e converteu-se em «árvore frondosa»: uma grande família espalhada por todo o mundo, unida no coração de um mesmo Fundador e Padre.

A vida de Mons. Escrivá termina num acto de abandono cada vez mais incondicional nos braços de Deus Pai. Fazendo sempre de Filho Pródigo — como ele próprio gostava de se apresentar —, o Fundador da Obra sente-se, com o passar dos anos, «como um menino que balbuceia». S.B. termina o seu livro com o texto da oração que Mons. Escrivá fez no dia 28 de Março de 1975, dia em que celebrou as bodas de oiro da sua ordenação sacerdotal: um diálogo simples, espontâneo com Deus, em que reflecte bem toda a sua vida íntima de intensa e profunda união com Deus.

O livro — no seu título original — «Apuntes sobre la vida del Fundador del Opus Dei» — não pretende, portanto, ser uma biografia. Como esboço, perfil, é fiel à personalidade de Mons. Escrivá, salvaguardando tudo o que fica por dizer, e que cabe ao leitor continuar, numa amizade pessoal, profunda e eficaz, com Mons. Escrivá. As fontes de que se serve o autor, os numerosos testemunhos, dão à leitura uma vivacidade que facilita a aproximação à pessoa do Fundador da Obra; o estilo literário, simples, sóbrio, mas vivo, descritivo, torna-se gráfico

nas descrições em pinceladas rápidas e episódios eloquentes, diálogos expressivos de Mons. Escrivá com toda a classe de pessoas, com os seus filhos, etc. Entrelaçam-se, numa unidade sem atritos, os textos de S.B. com os do Fundador da Obra: o autor deixa falar o próprio Mons. Escrivá, sublinhando, com uma cuidada elegância literária, as suas palavras e escritos. Fiel ao seu objectivo, o livro apresenta-nos uma personalidade viva, que se adivinha para lá de tudo o que se narra, sendo portanto o óptimo princípio de contacto, de conhecimento e de amizade com um sacerdote de Deus que, no Céu nos pode continuar a ajudar a procurar amizade com Deus.

Maria Luísa Couto Soares

M. Luís: SALMOS RESPONSORAIS E ACLAMAÇÕES AO EVANGELHO,
Ano B, Lisboa, 1978.

O autor, já bem conhecido e muito apreciado no ambiente musical português, conhecendo por experiência pastoral como é difícil organizar uma Celebração com cânticos apropriados, oferece-nos aqui um trabalho a todos os títulos louvável.

Como facilmente se pode concluir do título da obra, trata-se duma colectânea de Salmos responsoriais para o Ano B, enriquecida com aclamações ao Evangelho já publicados noutra colectânea.

Três índices — das antífonas musicadas, por ordem alfabética da primeira palavra das mesmas, dos Salmos e cânticos por ordem numérica, e geral — facilitam a procura de um cântico ou a recolha da música para um Salmo.

Alguns destes Salmos já o leitor os encontrou indicados nesta revista em Sugestão Musical, ou ouviu cantá-los em celebrações transmitidas pela Rádio, especialmente do Santuário de Fátima.

Assim se vai proporcionando um enriquecimento das nossas assembleias dominicais, com melodias simples que se podem ensaiar à multidão em poucos minutos, antes da Celebração.

Fazemos votos para que M. Luís continue e brindar-nos com obras como esta. De resto, a sua melhor consagração está no facto da ampla difusão que as suas melodias têm obtido no nosso meio.

O livro em causa pode ser pedido directamente ao autor — **Paróquia de Nossa Senhora das Mercês, Lisboa 2** — ou procurado em qualquer livraria.